

Durante o 1º trimestre

Adquiridas 2300 toneladas de castanha de caju em l'bane

N. 24/4
92

Mais de 2300 toneladas de castanha de caju foram comercializadas no primeiro trimestre deste ano na província de Inhambane, revelou o Director Provincial do Comércio, Jaime Magumbe, que acrescentou que as quantidades comercializadas representam mais de metade da meta global atribuída àquela região do país.

Falando na recente sessão do Governo da província de Inhambane, Jaime Magumbe sublinhou que a meta atribuída este ano àquela província é de quatro mil toneladas de castanha de caju pelo que "as quantidades comercializadas correspondem a mais de 230 por cento de realização do plano medio trimestral".

Durante o mesmo periodo, e segundo aquele responsável, em Inhambane foram ainda comercializadas 93 toneladas de copra, 300 de mafura e 117 de peixe fresco.

PROBLEMAS COM A CASTANHA E COPRA

O Director Provincial do Comércio em Inhambane revelou, na altura, que as novas formas de financiamento das campanhas de comercialização de castanha de caju poderão comprometer o cumprimento da meta atribuída àquela região do país, alegadamente por falta de pagamento por parte da

empresa estatal Caju de Moçambique.

Segundo aquele responsável, muitos intervenientes foram obrigados a deixar de adquirir a castanha de caju às populações por falta de fundos e também estão impossibilitados de cumprir os compromissos de amortização de financiamentos concedidos pela banca.

Por exemplo, citou o caso da unidade fabril da Caju de Moçambique em Inhambane que até ao fim do passado mês de Março devia "400 mil contos de castanha recebida nesta campanha, com o pretexto de o dinheiro ter que vir de Maputo".

No entender do Director Provincial do Comércio, esta situação afecta sobremaneira a delegação provincial da AGRICOM, que "tinha muito dinheiro a receber da fábrica de processamento da castanha de caju de Inhambane" e que por "não ter recebido esse dinheiro (a AGRICOM) não pagava salários aos seus trabalhadores".

Instado pelo Governador Pateguana

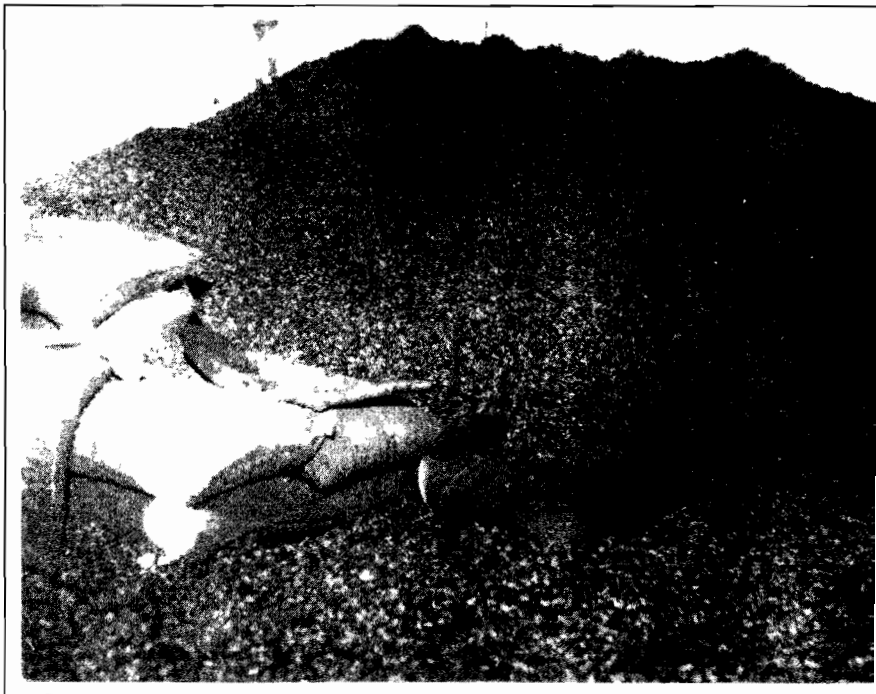
a pronunciar-se sobre esta questão, o gerente do Banco de Moçambique em Inhambane disse que aquela instituição financeira sempre financiou as campanhas de comercialização agrícola, particularmente as da castanha de caju, um dos produtos com maior peso na pauta das exportações moçambicanas.

Esclareceu que, anteriormente, os intervenientes nas campanhas de comercialização de castanha entregavam o produto às fábricas de castanha e estas, por sua vez, passavam um documento em como tinham recebido a castanha, com o qual se dirigiam ao Banco de

processo, mas assegurou "que neste momento o problema estava resolvido. Chegámos, de facto, a dever dinheiro, mas a maior parte das dividas foram já liquidadas", afirmou.

Além da falta de pagamento por parte da empresa estatal Caju de Moçambique, outro aspecto que poderá comprometer o cumprimento da meta atribuída àquela região do país, durante a presente campanha de comercialização da castanha de caju, relaciona-se com a prolongada estiagem que ocorreu em Inhambane, particularmente no periodo de floração dos cajuais.

Com efeito e embora mantendo um optimismo cauteloso — para citar alguns intervenientes contactados pelos nossos jornalistas baseados em Inhambane — alguns comerciantes são de opinião de que a seca prejudicou



A província de Inhambane comprou mais de 2 000 toneladas de castanha de caju durante o 1º trimestre

Moçambique para receber dinheiro correspondente às quantidades entregues. "Na prática, financiávamos as fábricas de castanha e os intervenientes e o Banco de Moçambique deixou de fazer isso", frisou o gerente do BM em Inhambane, sublinhando que "se os intervenientes nas campanhas de comercialização quiserem podem dirigir-se directamente àquela instituição para solicitarem financiamentos. E será dado", disse.

Por sua vez, o responsável pela fábrica de processamento da castanha de caju em Inhambane, ao esclarecer esta questão, reconheceu que a sua unidade de produção chegou a dever dinheiro aos intervenientes no

seriamente a presente campanha, por que "fez cair as flores dos cajueiros. Até ao momento, ainda vai aparecendo alguma castanha, mas duvido que as metas sejam atingidas globalmente", disseram.

Sobre a comercialização da copra, fomos informados que a mesma, também tem conhecido percalços devido ao facto de as populações preferirem vender coco fresco. "Por exemplo, disseram-nos que, para fazer um quilo de copra são necessários pelo menos cinco a seis cocos, que custam em Maputo dois a três contos. Mas se for vender um quilo de copra não obtenho esse preço, além de muito trabalho que dá preparar a copra".